

A abordagem da cultura na geografia e a comunidade surda: uma aproximação temática

Patrícia dos Santos Dias¹
Laís Ariane Martins Barbosa Correia²
Eugênia Maria Dantas³
Ione Rodrigues Diniz Morais⁴

Resumo

Este ensaio contempla a abordagem cultural na Geografia, tendo como referência a temática dos Surdos. Objetiva analisar as contribuições dos geógrafos Carl Ortwin Sauer e Paul Claval para o estudo da cultura na Ciência Geográfica e, a partir das perspectivas desses autores, refletir sobre possibilidades de abordagem dos Surdos na Geografia. Metodologicamente, o ensaio foi construído com base em pesquisa bibliográfica para fins de compreensão do pensamento dos autores supracitados, que assumem destaque no âmbito da abordagem cultural na Geografia. Partindo do pressuposto de que os clássicos contribuem para a compreensão da complexidade socioespacial do presente, infere-se que Sauer e Claval, ao diversificarem as abordagens culturais na Geografia, favoreceram a possibilidade de variados caminhos de pesquisa, o que se reflete nos estudos sobre os Surdos e a Comunidade Surda. A busca pela aproximação entre Geografia e Surdos conduziu à identificação de pesquisadores contemporâneos que já produzem reflexões sobre o tema, ainda pouco explorado pelos geógrafos brasileiros.

Palavras-chave: Carl Ortwin Sauer; Comunidade Surda; Geografia cultural; Paul Claval; Surdos.

1. Introdução

A gênese da abordagem cultural na Geografia está atrelada ao contexto de sistematização dessa área de conhecimento enquanto ciência, mais especificamente ao geógrafo Friedrich Ratzel (1844-1904) e sua discussão da Antropogeografia, quando do lançamento das bases da chamada Geografia Humana no último quartel do século XIX (CORRÊA, 2009). Ratzel trouxe, para o foco do debate geográfico, “os temas políticos e econômicos, colocando o homem no centro das análises” (MORAES, 1994, p. 21), atribuindo um lugar importante para a cultura, analisando-a “sob os aspectos materiais, como um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em sua relação com o espaço” (CLAVAL, 2007, p. 21).

¹ Mestre em Gestão Urbana; Universidade de Brasília (UnB); Doutoranda no programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; pdias181@globo.com

² Mestre em desenvolvimento e meio ambiente pela UFRN; Doutoranda no programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; lais2004@gmail.com

³ Pós-Doutora no Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM/UFRN); Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é Professora Titular da Universidade do Departamento de Geografia, da Federal do Rio Grande do Norte; Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; eugeniadantas@yahoo.com.br

⁴ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Titular da referida instituição, atualmente vinculada ao Departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (DGE-CCHLA); Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; ionerdm@yahoo.com.br

No início do século XX, Han, Meitzen e Schlüter – geógrafos contemporâneos a Ratzel na chamada escola alemã – ultrapassaram a compreensão de cultura como um conjunto de artefatos, utilizados pelo homem para dominar o espaço e, com isso, desenvolveram suas pesquisas, entendendo que “a marca que os homens impõem à paisagem constitui o objeto fundamental de todas as pesquisas” (CLAVAL, 2007, p. 24). Nessa perspectiva, podemos afirmar que, enquanto objeto de estudo, a Geografia alemã buscou, nesse período, “qualificar a morfologia da paisagem cultural e compreender a sua gênese” (Idem, 2007, p. 24).

No que se refere à Geografia alemã, Claval (2007) destaca a relevância dessa escola em uma abordagem original dos fatos da cultura, mas ressalta a influência do darwinismo na “atenção quase que exclusiva atribuída aos utensílios e às técnicas para dominar o meio e o papel maior desempenhado na análise da paisagem” (CLAVAL, 2007, p. 25). Assim, segundo o autor, a seleção das espécies de Darwin é transportada por Ratzel no entendimento de seleção das sociedades pelo espaço (CLAVAL, 2007). Além da abordagem naturalizante da escola alemã, soma-se, como crítica, sobretudo à Ratzel, a produção a serviço da legitimação do imperialismo do Estado Nacional Alemão (MORAES, 1994).

Ainda no início do século XX, no contexto em que a escola alemã se destaca e ocorre um processo de apropriação política do discurso geográfico, emergem as contribuições da escola francesa à abordagem cultural, por meio de Paul Vidal de La Blache (1845 - 1918) e seus estudos acerca dos gêneros de vida, cujo conteúdo político está presente, porém de forma mais discreta. Segundo Claval (2007, p. 33), os estudos de La Blache e Ratzel partem da mesma base, qual seja as influências do meio sobre as sociedades humanas. Nessa perspectiva, a elaboração das paisagens reflete a organização social do trabalho. Lançando a máxima “A geografia é a ciência dos lugares, e não dos homens” (CLAVAL, 2007, p. 33), La Blache deixou claro a que sua proposição se referia: a explicação dos lugares, fortalecendo a ideia de paisagem cultural.

Assim, sob bases neolamarquianas, La Blache desenvolveu o conceito de gênero de vida, associando as dimensões sociais e ideológicas ao aspecto ecológico de estudo da paisagem, concebendo-os como indissociáveis (CALVAL, 2007). Entendendo a cultura como “aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens”, a abordagem cultural na Geografia, por meio das discussões de gênero de vida, passa de uma origem eminentemente naturalista para uma posição mais humanista (CLAVAL, 2007, p. 35).

Soma-se, à escola alemã e à francesa, na contribuição para o desenvolvimento das abordagens culturais na Geografia, uma terceira escola geográfica: Escola de Berkeley. Nos Estados Unidos, até meados do século XX, a discussão das escolas alemã e francesa, em torno

da paisagem e da relação entre cultura e espaço, havia sido ignorada pela Escola do Middle West. Essa escola, preocupada com o rigor científico, dedicava atenção, em suas pesquisas, à coleta de dados e às representações cartográficas (CLAVAL, 2007). Nesse sentido, a Geografia Cultural, no contexto da produção americana, confundiu-se com a Geografia Humana, traço evidenciado, por exemplo, na legenda dos mapas que eram produzidas em duas rubricas: natureza e cultura (CLAVAL, 2007).

Considerando as escolas supramencionadas como matrizes da abordagem da cultura na Ciência Geográfica, torna-se reconhecível o delineamento de uma nova perspectiva de estudos. Na tessitura dessa renovação, emergiu a abordagem cultural na Geografia brasileira, sendo notável a influência do geógrafo francês Paul Claval que, assim como Carl Sauer, será alvo de reflexões a posteriori.

A narrativa, construída com o objetivo de delinear a gênese da abordagem cultural na Geografia e suas principais escolas, encontra, na proposta de periodização empreendida por Claval (1999 apud CORRÊA, 2009), um esforço de síntese dessa trajetória (Quadro 1).

Quadro 1 - Evolução da abordagem cultural na Geografia

PERÍODO	FASE	PRINCIPAIS TEMAS*
1890 – 1940	Primeira	Paisagem Cultural Gêneros de Vida
1940 – 1970	Segunda	Regiões Culturais Ecologia Cultural
1970 -...	Terceira	Ciberespaço, Festas e Religião, Imaginários, Sons, Odores, Texturas

Elaboração: Autores, 2020. Fonte: Corrêa, 2009.

Destacamos a existência de um universo temático, rico na abordagem cultural da Geografia em todas as suas fases, e a enumeração realizada não pretende restringir o campo temático, mas sinalizar aqueles mais recorrentes e emblemáticos. Assim, considerando a periodização estabelecida em relação à evolução da abordagem cultural na Geografia (Quadro 1), na primeira fase (1890 – 1940), que corresponde aos primórdios da Geografia como ciência, os temas recorrentes foram paisagem cultural e gêneros de vida, denotando o embate entre as escolas de Geografia alemã, cujo expoente foi Ratzel, e francesa, na qual se destacou La Blache. Nessa fase, tem-se o contexto de consolidação dos Estados Nação e da Primeira Guerra Mundial.

Na segunda fase, entre os anos de 1940 e 1970, a abordagem cultural é eclipsada pelas discussões que emergem na Geografia Regional Hartshorniana (1940 a 1955) e, posteriormente, pela revolução teórico quantitativa (1955 e 1970). Sobre esse período,

Corrêa (2009) destaca dois pontos: primeiro, que a abordagem cultural não desaparece, mas é encoberta por essas discussões que se colocam no centro dos debates e das produções geográficas e, segundo, que há uma mudança na orientação dos estudos desse subcampo, no contexto da Segunda Guerra Mundial e da retomada da expansão capitalista, com a “valorização de estudos com perspectivas pragmáticas, voltados para as transformações em curso e esperadas” (CORRÊA, 2009, p. 2).

A terceira fase da abordagem cultural na Geografia, que tem como marco inicial a década de 1970, foi marcada por uma “profunda reformulação”, com a emergência da Geografia crítica e outros diversos subcampos, tornando-se assim uma “arena de embates epistemológicos, teóricos e metodológicos” (CORRÊA, 2009, p. 2), da qual resultaria a denominada Geografia Cultural Renovada.

A partir da década de 1980, com a consolidação da Geografia Cultural enquanto subcampo dessa ciência, tem-se uma maior divulgação das publicações com a conseguinte criação de periódicos especializados na França, em 1992, e na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1994. No Brasil, a abordagem cultural se consolida, na Geografia, a partir de 1993 com a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultural (NEPEC) na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e a consequente criação de periódico especializado e de coletânea de livros (CORRÊA, 2009).

Para além do exposto, cabe ainda destacar uma característica peculiar desse subcampo da Ciência Geográfica, qual seja: a Heterotopia Epistemológica (CORRÊA, 2009). Sobre esse termo, Corrêa (2009) explica que diz respeito ora à combinação, ora à justaposição de matrizes epistemológicas distintas e posições individualizadas. Ou seja, ao longo do seu desenvolvimento, a abordagem cultural não foi fiel a uma única corrente epistemológica.

Para comprovar essa tese, Corrêa (2009) lança um olhar sobre a Geografia Cultural, nos anos 1990, e declara que ela recebeu influências para além da corrente saueriana, das correntes humanista, pós-estruturalista e do materialismo histórico, com clara base marxista. Nesse contexto, Corrêa (2009) destaca que a importância dessa Heterotopia está nos debates suscitados entre geógrafos com posições antagônicas, que serviram para o enriquecimento desse subcampo e atestaram o seu vigor – expresso no próprio processo de renovação da abordagem cultural na Geografia. Diante do exposto, o artigo em tela analisa as principais contribuições dos geógrafos Carl Sauer e Paul Claval à abordagem da cultura na Geografia, na perspectiva de refletir sobre caminhos de pesquisa, incluindo abordagens contemporâneas dos Surdos na Geografia.

2. Carl Sauer e a sua importância na geografia cultural mundial

Filho de imigrantes alemães residentes nos Estados Unidos, Carl Ortwin Sauer (1889 – 1975) – acadêmico na Universidade Chicago – dedicou-se, de forma pioneira, ao estudo da paisagem cultural no início do século XX. A tradição de pesquisa geográfica, nos Estados Unidos, à época, desprezava os debates em torno do espaço e da cultura, empreendidos pelas escolas alemã e francesa de Geografia desde o final do século XIX; Sauer foi pioneiro ao introduzir na Geografia americana “um sentido inclusivo de tempo humano e o conceito de cultura” (SPETH, 2011, p. 35). Incentivando o afastamento da explicação determinista que imperava naquele período, ele orientou o pensamento geográfico a “dar maior ênfase ao ser humano – sua cultura e seu poder de modificar a natureza” (Idem, 2011, p. 35).

Tendo em vista que Sauer não adotava uma posição clara - seja ela positivista, fenomenológica ou pragmática (CORRÊA, ROSENDAHL, 2011) – observamos, nessa nova abordagem, a crença em uma Geografia que enfatiza as formas e suas relações com as funções, sendo sua responsabilidade “contemplar as relações sociais expressas nas representações espaciais, elaboradas pelos diversos grupos sociais” (CORRÊA, ROSENDAHL, 2011, p. 18). Para Sauer, o produto dessa ênfase e, conseqüente objeto de estudo da Ciência Geográfica, seria a paisagem cultural.

Sauer concebeu a paisagem não como uma cena real vista por um observador, mas como sendo “a paisagem geográfica uma generalização derivada da observação de cenas individuais” (PENN, LUKERMANN, 2011, p. 159). Nesse sentido, o geógrafo, a despeito dos dualismos supracitados, “pode descrever uma paisagem particular como um tipo, ou, possivelmente, como uma variante do tipo, mas tem sempre em mente o genérico e age por comparação” (SAUER, 1925, p. 26 apud PENN, LUKERMANN, 2011, p. 159).

Contudo, assim como a escola alemã, Sauer não abordou as dimensões sociais e psicológicas da cultural (CLAVAL, 2007), limitando a abordagem geográfica apenas ao que é legível na Terra. Assim, a pesquisa em Geografia Cultural, empreendida por Carl Sauer e pela chamada *Escola de Berkeley*, encaminhou-se por um viés naturalista, sendo norteadas por questionamentos a exemplo de: “como os grupos agem sobre a cobertura vegetal natural e a transformam? (...) Quais são as espécies que as pessoas aproveitam na colheita? (...) Quais os animais que caçam ou que criam?” (CLAVAL, 2007, p. 31). Para Sauer (1974 apud CLAVAL, 2007, p. 30), compete ao geógrafo estudar “a importância que tem o sítio para o homem, e também as transformações que este impõe ao sítio. Em síntese, tratamos das interações do grupo ou da cultura, com o sítio, tal como se exprime através das diversas paisagens da Terra”.

Apesar da similaridade de abordagem com a escola alemã, Sauer e a *Escola de Berkeley* vão além da visão de cultura como um conjunto de artefatos e instrumentos; adicionando a essa perspectiva a aprendizagem das sociedades no manejo de plantas e de animais para modificação do ambiente natural e aumento da sua produtividade (CLAVAL, 2007). Ou seja, o caráter instrumental permanece, mas à perspectiva cultural são acrescentados novos fatores.

Entendendo a cultura como agente e o espaço natural como meio (SAUER, 1925), Sauer destaca – para além dos processos naturais – que a paisagem cultural é resultado, também, de um processo histórico. Assim, ressaltamos que o historicismo tem papel relevante no fazer geográfico de Sauer, tendo combinado diversas formas dele e construído sua obra a partir da síntese das tendências estéticas e filosóficas, empíricas e éticas do historicismo (GADE, 2011).

A obra mais citada de Sauer é o ensaio metodológico “Morfologia da paisagem” (SAUER, 1925). Nele, Sauer declara que “a Geografia era o estudo das associações e interconexões de coisas e eventos em áreas” (PENN, LUKERMANN, 2011, p. 137). Assim, Carl Sauer e *Escola de Berkeley* deixam sua contribuição no âmbito da Geografia Humana da segunda metade do século XX, com a proposição de uma Geografia descritiva de formas e interações naturais.

3. Paul Claval e sua importância na Geografia Cultural Brasileira

A abordagem cultural na Geografia, a partir das influências da obra de Friedrich Ratzel na Alemanha; de Paul Vidal de La Blache na França e dos estudos de Carl Sauer e a *Escola de Berkeley*; foi inicialmente centrada nos estudos dos vestígios materiais, na paisagem, nas ferramentas e nas edificações rurais, e avança para tentar acompanhar as novas demandas do mundo moderno. Contudo, nas últimas duas décadas muita coisa mudou e há, de fato, um variado conjunto de trabalhos sendo desenvolvidos pelos pesquisadores desse subcampo da Geografia e uma variedade de temas compatíveis com a complexidade da vida humana atual. Com isso, também surgiram as abordagens que consideram as identidades, as subjetividades, as percepções e os discursos.

Nesse contexto, Paul Claval, atualmente professor emérito da Universidade de Paris IV (Sorbonne, Paris), é uma das principais referências da Geografia a nível internacional, sendo reconhecido como um dos maiores expoentes da Geografia francesa contemporânea. Ganhador do prêmio Vautrin Lud (1996), instituído pelo Festival Internacional de Geografia, em Saint-Dié-des-Vosges (França), Claval possui vasta produção científica. Seu percurso

como geógrafo é extenso e complexo, e passa pelos mais diferentes temas e países. Claval é uma referência para os geógrafos brasileiros, discutindo contradições e influenciando os estudos culturais. No Brasil, ele esteve conectado com vários pesquisadores, contribuindo com a abordagem cultural na Geografia no país, fortalecendo-a.

No livro “La Fabrication Du Brésil: une grande puissance en devenir” (CLAVAL, 2004), o foco de Claval está orientado para a dinâmica do espaço brasileiro e, com isso, ele produz um texto rico de fatos históricos, sem desconsiderar a observação direta e a complexidade do espaço. Assim, Claval (2002) entende que a cultura é mais importante na atualidade do que no passado, mas não despreza toda a contribuição anterior. Esse autor, na década de 1990, defendia a cultura como um produto da história e uma realidade superior, mas já recomendava evitar o uso de critérios absolutos (CLAVAL, 2007).

Claval foi protagonista no resgate da abordagem cultural na Geografia mundial e nacional, um pesquisador que reconhece as mudanças e não desqualifica o caminho percorrido pelos pesquisadores. Para ele, as abordagens naturalistas e culturais não são contraditórias, mas complementares e é preciso adaptá-las, uma por uma, para medir todas as dimensões dos fatos sociais nas manifestações espaciais (ULATE, 2012).

Sobre os geógrafos do final do século XIX até os anos cinquenta do século XX, Claval destaca que, apesar da expressiva contribuição, eles não abordaram a dimensão psicológica ou mental da cultura, restringindo a leitura a perspectivas positivistas ou naturalistas, desconsiderando as experiências subjetivas dos lugares (CLAVAL, 2002). A partir dessa constatação, Claval (2002) destaca que “os aspectos culturais fundamentais para a Geografia se inserem em três domínios: a) das relações homens/meio ambiente, b) das relações sociais, c) da organização regional e do papel dos lugares” (CLAVAL, 2002, p. 19).

A Geografia Francesa, da qual Paul Claval faz parte, não irá restringir-se à morfologia e aos aspectos visíveis, mas também irá debater outros aspectos como: o espaço vivido, a experiência humana dos lugares, o espaço percebido, os sentidos, o cotidiano, o papel das representações, das comunicações, das redes de contatos, os valores, a intersubjetividade, os simbolismos e as identidades (ALMEIDA, 1993).

Todos esses termos são, gradativamente, incorporados aos textos de Paul Claval e introduzidos no vocabulário dos geógrafos brasileiros. Já em 2008, Claval vai estabelecer uma abordagem cultural para a Geografia a partir de três possibilidades: estudo das representações, das experiências vividas e dos processos culturais e socioculturais. Para o autor,

o tempo das discussões sobre a utilidade da abordagem cultural já está ultrapassado. O que importa é explorar todas as avenidas que ela abre para a pesquisa: a significação de outros mundos na estruturação do nosso, o levar em conta o futuro, a

curiosidade para a diversidade das sensibilidades humanas, a atenção para as iniciativas individuais e a consciência dos constrangimentos ligados à existência de normas e valores. (CLAVAL, 2008, p. 28-29).

Como visto no Quadro 1, as abordagens dos geógrafos, até os anos 1970, eram impessoais e, nesse contexto, não consideravam o diálogo entre sensibilidade humana e ambiente. Foi após 1970, com a irrupção da Fenomenologia nas ciências sociais, que os estudos geográficos passaram a considerar as identidades coletivas e a maneira como elas se enraízam no território. Segundo Claval (2007): “A fenomenologia transformou as perspectivas dos geógrafos que a descobrem, porque lhes revela que os lugares não são pontos anônimos num espaço neutro.” (CLAVAL, 2007, p. 224).

Nessa perspectiva, Fremont (1999 apud CLAVAL, 2007) destaca que o homem não pode ser visto de maneira neutra. Para esse autor, os homens percebem o espaço que o cerca de forma desigual, fazem julgamentos, são atraídos ou repelidos, têm afetividade, têm complexidade; e o geógrafo não é um ser com capacidades superiores que lhe permite analisar e observar objetivamente e imparcialmente esses homens e esse espaço. Consciente da importância da experiência humana na abordagem da cultura na Geografia, Claval (2007, p. 238) sinaliza que:

Fazer da Geografia uma análise da experiência humana é voltar-se para a maneira como o indivíduo toma consciência daquilo que é, através dos lugares onde vive, das paisagens que lhe são familiares e daquelas onde se sente à vontade, das ruínas que lembram o passado e dos equipamentos que convidam a ver o futuro.

Destacamos que, ao longo do tempo e da sua obra, Claval integra, na sua abordagem cultural, as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica. Segundo este autor (2007, p. 229), os geógrafos do passado tinham priorizado a visão, sobretudo uma visão preferencialmente neutra e “o geógrafo de hoje interessa-se pelo que está embaçado, confuso, nas mensagens que recebemos”.

Apesar da sólida contribuição dos geógrafos clássicos na abordagem cultural na Geografia, como Sauer, Ratzel, La Blache, e, na atualidade, Paul Claval (este último com grande capilaridade no Brasil), o termo Geografia Cultural no Brasil ainda hoje não foi bem incorporado. Há um debate mundial sobre isso e alguns autores preferem utilizar a expressão Geografia Social (MESQUITA, 2013) demonstrando certa resistência em aceitar o termo. Essa não aceitação se dá por razões diversas sejam elas políticas, departamentais ou científicas que existam no meio acadêmico.

A nível nacional e internacional, o debate a respeito dessa divergência continua sendo realizado. Autores como Lévy (2015) – atual "Nobel de Geografia": Prêmio Vautrin-Lud

(2018) – trazem para o debate os temas culturais. Por causa dessa e de outras iniciativas, as discussões culturais seguem dinâmicas e vivas na Geografia. Isso tudo é instigante, especialmente quando os geógrafos começam a abordar temáticas como Ciberespaço⁵. Esse e outros temas atraem para uma visão de Geografia cultural que aparece na atualidade como uma teia de elementos não uniformes. No Brasil, há grupos de pesquisa distintos, dialogando com o elemento cultura de forma não homogênea.

Nessa perspectiva, considerando diferentes entendimentos acerca da cultura no âmbito da Geografia, lançou-se um olhar sobre o tema dos Surdos, fruto do despertar para as necessidades desses sujeitos na sociedade. Em se tratando do tema da surdez na Geografia, abordaremos inicialmente o pesquisador como externo, como alguém que procura visualizar e descrever o que está sendo pesquisado, em uma perspectiva menos crítica. Em seguida, consideraremos a leitura dos fenômenos à escala do cotidiano e da experiência vivida, imaginada e percebida.

4. Abordagem cultural na Geografia: um “olhar” a partir da Comunidade Surda

Inicialmente é importante esclarecer que os termos “surdo(a)” e “deficiente auditivo(a)” são diferentes. O termo “deficiente auditivo”, como explica Dorziat (1999), tem sua origem conectada a uma questão patológica e médica. Já o termo “surdo(a)” faz referência especificamente àquele indivíduo que, do ponto de vista clínico, tem perda auditiva profunda. Ao escrever, neste artigo, Surdos com S maiúsculo, fazemos referência àqueles indivíduos que se identificam como surdos e interagem com a Comunidade Surda.

A definição de Comunidade Surda corresponde a um grupo de pessoas que mora em uma localização particular, compartilha as metas comuns de seus membros e, de vários modos, trabalha para alcançar essas características. Em uma Comunidade Surda, pode haver também ouvintes, surdos que convivem com os dois mundos: ouvinte e Surdo e Surdos que não convivem com o mundo dos ouvintes (PADDEN, 1989). Já a Cultura Surda abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008, p. 27).

Por sua vez, os chamados Estudos Surdos são aqueles que incluem a experiência da surdez e consideram os contextos psicossociais e culturais nos quais a pessoa surda se desenvolve (SÁ, 2006). O campo dos Estudos Surdos vem, nos últimos anos, proporcionando um novo olhar sobre a surdez. Não se considera a pessoa surda como um ser marcado pela

⁵ Segundo Martino (2014, p. 11), o ciberespaço é um “espaço de interação criado no fluxo de dados digitais em redes de computadores; virtual por não ser localizável no espaço, mas real em suas ações e efeitos”.

deficiência e pelo desejo de cura. Hoje, os Surdos, concebidos como sujeitos culturais e políticos (WILCOX; WILCOX, 2005), são entendidos como um grupo identitário caracterizado por elementos próprios que marcam sua diferença. Diante desse entendimento inicial, observamos que existe uma carência de conhecimento sobre a Comunidade Surda brasileira e sua difusão espacial⁶ (nacional, regional e local). Inspirando-nos no atual olhar das ciências sociais sobre os Surdos e nas abordagens de cultura na Geografia, podemos nos perguntar como a Ciência Geográfica tem pesquisado atualmente a surdez e a Cultura Surda.

No que diz respeito à participação da ciência geográfica em estudos no campo da surdez, existem pesquisadores fora do Brasil que já se dedicam a essa abordagem, constituindo as chamadas “Geografias Surdas” ou “Geografia dos Surdos”⁷. De acordo com Gulliver e Kitzel (2015), as Geografias dos Surdos existem no ponto de encontro entre os Estudos Surdos e a Geografia humana. Essas teorias representam uma poderosa ferramenta para validar as realidades dos Surdos. Logo, as Geografias dos Surdos representam a possibilidade de explorar e de explicar as realidades socioespaciais dessas pessoas.

De acordo com Gulliver & Kitzel (2015), essa proposta de pensar o espaço, a partir da perspectiva dos sujeitos Surdos, existe há mais de 200 anos, porém usando paralelos geográficos, ou seja, em muitas questões que apareceram no debate sobre a vida dos Surdos, a Geografia acaba aparecendo como um mero “acaso”. A idealização de um país Surdo; os Surdos como uma nação por si só, ou como estrangeiros no mundo auditivo; e a ideia de espaços próprios para os Surdos em Escolas de Surdos e famílias Surdas, são exemplos de questões comumente discutidas e que não configuram necessariamente uma abordagem geográfica.

De modo geral, diante das várias possibilidades de abordagem dos Surdos na Geografia, Gulliver & Kitzel (2015) apontam que as pesquisas na área podem constituir-se em estudos isolados ou combinados sobre: as geografias históricas dos Surdos; o espaço para os Surdos e a maneira como os espaços de Surdos são criados e foram afetados por eventos históricos mais amplos; sobre Surdos urbanos e a experiência da cidade; a maneira pela qual um espaço físico (construções, edifícios e outros fatores ambientais) impactam em pessoas surdas; e a natureza espacial da língua de sinais. Além disso, também podem ser abordadas as redes, encontros e comunicação internacionais e transnacionais de Surdos; e os Surdos que fazem parte de grupos específicos como indígenas, entre outros temas. O que notamos é um

⁶ Levy e Laussant (2003, p. 260) entendem a difusão como um processo de propagação de objetos materiais ou ideias em um dado espaço.

⁷ <https://deafgeographies.com/resources/>

campo considerado novo e vasto na Geografia brasileira com possibilidades de variações nas abordagens temáticas, teóricas e metodológicas e que estão abertas à exploração.

No caso dos Surdos brasileiros, poderíamos vislumbrar uma reconstrução histórica e cultural da incorporação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nas cidades e sua difusão espacial no país, seu uso e expansão em uma determinada região, bem como uma descrição e compreensão das mudanças espaciais e estruturais que estão acontecendo nas cidades para melhor atender aos Surdos (adaptação de espaços escolares, religiosos, médicos, comerciais, serviços, culturais e públicos etc.). Importante considerar ainda a ampliação da difusão da Cultura Surda através das principais vias de comunicação (TV, jornais, Internet e Redes Sociais etc.).

Não há, até o presente momento, o conhecimento de um mapeamento dos Surdos e das Comunidades Surdas brasileiras, mesmo após essas comunidades serem fortalecidas mediante a aprovação da Lei nº 10.436 de 2002 (BRASIL, 2002), que tornou reconhecida a Libras como meio de expressão legal e comunicação no Brasil. Nesse vazio de informações, a análise das “marcas visíveis” (SAUER, 2013) da Comunidade Surda, que conferem caráter específico a uma área, poderia ser pensada no contexto das Cidades Amigas dos Surdos (*Deaf friendly*⁸) que, após a realização de uma análise espacial minuciosa de elementos materiais, estabeleceu diferenças entre as cidades, no que se refere à existência ou não de determinados equipamentos urbanos voltados para o atendimento da Comunidade Surda. O Brasil tem carência desse tipo de análise espacial, estrutural, qualitativa e comparativa.

Um outro caminho de pesquisa possível poderia apontar para a diferenciação espacial da aplicação das políticas públicas voltadas para os Surdos no país, tais como: a obrigatoriedade de presença de intérpretes de Libras nos órgãos públicos⁹, a inclusão da disciplina de Libras como disciplina obrigatória nas Universidades (nos cursos de pedagogia e licenciaturas) e a implementação obrigatória da disciplina de Libras nas escolas públicas de ensino médio¹⁰. Aconteceram mudanças históricas e materiais observáveis no espaço provocadas pela força da Comunidade Surda que seriam dignas de estudo.

Nos EUA, o complexo Universitário de Gallaudet, por exemplo, pode ser apontado como constitutivo de características específicas voltadas para o atendimento e a circulação de

⁸ Um estudo americano que analisou e mapeou a existência e a adequação de instalações urbanas para o uso dos Surdos daquele país. <https://www.deaf411online.com/reports/index.php>

⁹ Recentemente foi lançado pelo Ministério da Educação o projeto “Libras nas cidades” para ampliar a formação dos tradutores de libras e a qualificação dos servidores públicos municipais, bem como atender a população de deficientes auditivos da cidade.

¹⁰ Em Natal – RN, foi aprovada pela Comissão de Justiça um projeto de Lei de autoria do vereador Robson Carvalho (PMB). Essa lei obriga a inserção do ensino de libras nas escolas de Natal como atividade extracurricular.

peças Surdas e uma medida material do grau de poder dos Surdos naquela localidade. Em 2005, o arquiteto Hansel Bauman criou o Projeto *DeafSpace*¹¹ (DSP) – em conjunto com o Departamento de Estudos de Surdos da Universidade de Gallaudet –, durante cinco anos, desenvolveu o *DeafSpace Guidelines*, um catálogo contendo mais de cento e cinquenta elementos distintos que abordam os principais pontos de contato entre as experiências Surdas e o ambiente construído: espaço e proximidade; alcance sensorial; mobilidade e proximidade; luz e cor; e, finalmente, acústica. Comum a todas essas categorias são as ideias de construção da comunidade, linguagem visual, promoção de segurança pessoal e bem-estar (BAUMAN, 2010).

A abordagem comparativa, no que se refere à Comunidade Surda, é outra possibilidade, não uma comparação simplista de lugares, mas uma busca por nuances socioespaciais que os processos ganham em lugares diferentes e que seriam úteis para o entendimento dos mecanismos de regulamentação, comportamento ou estratégias adotadas pelos Surdos nos diferentes contextos.

A ilha de Martha's Vineyard, na costa de Massachusetts (EUA) é um exemplo de um local de convivência entre Surdos e ouvintes de forma harmoniosa; essa ilha é considerada utópica¹². No Brasil, Várzea Queimada, uma pequena vila na zona rural do município de Jaicós, estado do Piauí, também se distingue, quando o assunto é surdez e vida comunitária¹³. Essas duas localidades demonstraram, ao longo da sua história, uma maior inserção social e aceitação dos Surdos e da língua de sinais. Uma possível abordagem poderia vislumbrar um estudo descritivo e histórico-comparativo dos fatores que favoreceram a sociabilidade e organização dos Surdos naqueles espaços.

Notamos que em nenhum dos estudos sugeridos foram considerados o corpo, as emoções, os sentidos, as percepções e os detalhes “banais” do cotidiano da pessoa Surda. Todos os exemplos anteriores foram tentativas de aproximação de algumas das perspectivas gerais, na qual “o geógrafo mapeia a distribuição das marcas (culturais), agrupa-as em associações genéticas, descreve-as desde a origem e sintetiza-as em sistemas comparativos de áreas culturais” (SAUER, 2013, p.5).

¹¹ Nome atribuído aos estudos dos espaços dos Surdos realizados pela Universidade Gallaudet, nos EUA. A definição de Espaço Surdo tem relação com as modificações espaciais que os Surdos e Deficientes Auditivos realizam para acomodar o seu entorno de acordo com seus modos especiais de ser (JOHNSON, 2010).

¹² A língua de sinais na ilha de Martha Vineyard era usada facilmente e aceita pelos moradores Surdos e ouvintes. Em meados do século XIX, uma a cada quatro pessoas, em alguns povoados, era surda, o que fez com que toda a população se comunicasse em sinais e que esses indivíduos com surdez não fossem vistos necessariamente como surdos, nem como deficientes (SACKS, 2005, p. 45).

¹³ Pereira (2013) produz uma tese de doutorado e se aprofunda na comunidade de Várzea Queimada para compreender a vida dos surdos e as relações comunitárias.

Nesse sentido, quando abordamos a Comunidade Surda em uma perspectiva diferente, levando em consideração a abordagem de Paul Claval, devemos ter a preocupação de considerar os sentidos que devem ser incorporados e redimensionados na abordagem dessa comunidade. Os ouvidos dos surdos, por exemplo, não estão ativos, mas os demais sentidos e a experiência corporal estão. Com isso, pode-se afirmar que as mãos, a boca e o nariz também permitem a construção da sua experiência de mundo e de espaço.

Entre os primeiros povos e nos meios populares das sociedades tradicionais, as geografias não são exclusivamente feitas de práticas e de habilidade. Elas são carregadas de experiências e de subjetividade. Viver é evoluir entre as paredes ou se encontrar ao ar livre. Viver é estar em contato com o meio ambiente em todos os sentidos: com a visão, a audição, o olfato, o tato. É se mover em um ambiente selvagem, cultivado ou urbanizado, é percebê-lo enquanto paisagem. As pessoas têm uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem, que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente. (CLAVAL, 2010, p.39).

O convívio e a aproximação do pesquisador com as pessoas Surdas, numa perspectiva mais fenomenológica, também podem auxiliar na percepção e na identificação das principais dificuldades enfrentadas por eles, para realizar atividades cotidianas e vivenciar plenamente os espaços. Essa abordagem nos conduz a avançar para além do visível e ir ao encontro do indivíduo Surdo, buscando evidenciar o cotidiano espacial para reconhecer as diferentes vias de acessibilidade e de inacessibilidade; e talvez para construir uma perspectiva de estudo de um espaço vivido sem som.

Em uma abordagem que vai ao encontro do sujeito Surdo, no âmbito da Geografia, podem ser aprofundadas as características subjetivas e sensoriais que afetam os Surdos no seu deslocamento pelos espaços. Por conseguinte, o pesquisador pode problematizar o que é o lugar para o Surdo e compreender a espacialidade desse sujeito; como ele se desloca; quais os espaços de convivência se tornam efetivos em seu cotidiano urbano; quais lugares são importantes; quais os lugares que são familiares ou evitados etc.

Finalmente, ressaltamos que as abordagens que contemplam a Comunidade Surda na perspectiva da Geografia Cultural apresentadas, constituem-se parte de uma reflexão, portanto, não intencionam ser um manual diante das inúmeras possibilidades de operacionalização que existem e das particularidades do grupo nas mais variadas realidades socioespaciais. Atualmente, podemos vislumbrar variadas abordagens dos Surdos na Geografia que têm como objetivo descrever a realidade das pessoas Surdas, por meio de uma análise dos diferentes espaços Surdos que dizem respeito à maneira como as pessoas Surdas e a sociedade se relacionam, criam e negociam o espaço.

Nesse sentido, os trabalhos de Skelton e Valentine (2003a; 2003b); Silva (2005), Valentine et al., (2007), Santos (2008), Elizabeth Mathews (2006; 2010), Fekete (2010), Gill Harold (2013); Gulliver e Kitzel (2015), Gulliver e Fekete (2017) e Dias e Dantas (2020), são bons exemplos de abordagens contemporâneas dos sujeitos Surdos na Geografia que podem ser consultados e que permitem vislumbrar reflexões, perspectivas e resultados também variados de pesquisas sobre surdez/Surdos/deficiência auditiva na Geografia e, com semelhanças e/ou diferenças, todos apresentam as marcas próprias dos lugares e, especialmente, refletem o grau de avanço das discussões que são realizadas sobre o espaço de pessoas com deficiência nos diferentes meios acadêmicos e países.

5. Considerações Finais

A trilha discursiva que norteia essas reflexões evidencia que o conceito de cultura tem história e ainda está sendo ressignificado. Ao retomar o debate da cultura na Geografia, vislumbramos diferentes possibilidades para o geógrafo, possibilidades essas que não se excluem, mas se complementam. Importante notar que podem ser encontrados princípios conceituais de geógrafos clássicos que permanecem válidos, e inspirações que podem integrar uma abordagem cultural geográfica na atualidade.

A abordagem da paisagem e da dimensão espacial da cultura é a mais clássica e aparece nos estudos de Carl Sauer, revelada ao pesquisador contemporâneo através das suas estruturas visíveis, da materialidade. Passados 45 anos da morte de Sauer, os geógrafos da atualidade, interessados na cultura, têm diante desse novo tempo outro olhar para a pesquisa e isso se deve ao surgimento de novos temas de análise, novos pontos de interesse e sensibilidades diferentes.

Após a leitura de Carl Sauer e Paul Claval (o primeiro um desbravador da abordagem cultural na Geografia e o segundo um geógrafo contemporâneo que através da epistemologia da Geografia nos leva a transitar por tantas perspectivas), vislumbramos diferentes abordagens para uma mesma temática (Comunidade Surda) e certamente muitos outros olhares poderão ser elaborados.

É inegável que, ao pensar uma abordagem cultural de pontos de vista diferentes, temos favorecida a construção de nexos para compreensão do espaço geográfico na sua totalidade. Arriscamo-nos a dizer que não se trata de trocar o objetivo pelo subjetivo, o material pelo invisível, o clássico pelo contemporâneo. O que importa é o pesquisador considerar a complexidade do tema e reconhecer diferentes possibilidades para, a partir do concreto, escolher o caminho mais adequado para a sua pesquisa. Destacamos que a reprodução de

projetos e ações deve ser vista com cautela, uma vez que as histórias territoriais e as necessidades de cada comunidade são diferentes.

A Geografia Cultural tradicional de Sauer e o olhar mais contemporâneo de Paul Claval entregam contribuições fundamentais para a construção de diferentes perspectivas de análise da realidade e não devem ser desconsideradas pelo pesquisador quando o objetivo maior da pesquisa geográfica é compreender o fenômeno na sua totalidade. Entendemos, diante da evolução do debate da cultura na Geografia que, atualmente, o geógrafo pode optar por ser um pesquisador que trilha os espaços, indo além do que a visão alcança.

Por fim, neste artigo procuramos destacar que a Geografia pode contribuir para o estudo de temas como a deficiência e a surdez. Estudos no âmbito da Geografia podem auxiliar e tornar visíveis esses atores sociais, sobretudo, quando se trata da luta pelo direito de viver na cidade de forma participativa e igualitária. Isso não pode ser desconsiderado em um momento histórico em que os Surdos apresentam características de fortalecimento da sua comunidade em uma progressiva tendência de organização da sua representatividade na sociedade.

Referências

ALMEIDA, M. G. Geografia Cultural e geógrafos culturalistas: uma leitura francesa. *GEOSUL*, nº 15, ano VIII, 1º semestre, 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12818>. Acesso: 15 maio 2019

BAUMAN, H. *DeafSpace Design Guidelines*. vol. 1. Internal, 2010

BRASIL. Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso: 20 maio 2019

CLAVAL, P. *Terra dos homens: A Geografia*. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

CLAVAL, P. “A volta do cultural” na geografia. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, ano 01, número 01, p. 19-28. 2002. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/192>. Acesso 05 setembro 2019

CLAVAL, P. *A Geografia Cultural*. 3 ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CLAVAL, P. *La Fabrication Du Brésil: une grande puissance en devenir*. Éditions Belin, 2004.

CLAVAL, P. Uma ou algumas abordagem(ns) cultural(is) na Geografia Humana! In: SERPA, A. (Org.). *Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: Edufba, 2008, pp.13-29.

CORRÊA, R. L. *Sobre a Geografia Cultural*. 2009. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Disponível em:
<http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>. Acesso: 10 maio 2019.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Sobre Carl Sauer: uma introdução. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Sobre Carl Sauer*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

DIAS, P. S.; DANTAS, E. M. A cidade contemporânea e os sujeitos Surdos: o desafio de pensar a acessibilidade e a inclusão. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, v. 1, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/12/acessibilidade-inclusao.html>. Acesso: 27 dezembro 2020

DORZIAT, A. Bilinguismo e surdez: para além de uma visão linguística e metodológica. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidades da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos*. 2ed. Porto alegre: Mediação, 1999. v. 1. p. 27-40.

FEKETE, E. *Signs in space: american sign language as spatial language and cultural worldview*. 2010. Disponível em:
https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Qxy4p4jT0SIJ:https://etd.ohiolink.edu/apexprod/rws_etd/send_file/send%3Faccession%3Dkent1279060612%26disposition%3Dattachment+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso 12 abril 2020.

GADE, D. Carl Sauer e a força da curiosidade nas pesquisas geográficas. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Sobre Carl Sauer*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GULLIVER, M.; FEKETE, E. Themed section: Deaf geographies—an emerging field. *Journal of Cultural Geography*, v. 34, n. 2, p. 121–130, 2017. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/315980300_Themed_section_Deaf_geographies_-_an_emerging_field. Acesso: 25 outubro 2019

GULLIVER, M.; KITZEL, M. *Deaf Geography, an introduction*. 2015. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/281555405_Deaf_Geography_an_introduction. Acesso: 8 junho 2021.

HAROLD, G. Reconsidering sound and the city: Asserting the right to the Deaf-friendly city. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 31, n. 5, p. 846–862, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1068/d3310>. Acesso: 09 setembro 2020

JOHNSON, C. A. *Articulation of Deaf and Hearing Spaces Using Deaf Space Design Guidelines: A Community Based Participatory Research with the Albuquerque Sign Language Academy*. 2010. Disponível em:
https://digitalrepository.unm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1017&context=arch_etds. Acesso: 17 setembro 2019

LEVY, J.; LAUSSANT, M. *Dictionnaire de la Géographie et de l'Espaces des Sociétés*. Paris: Belin, 2003.

MATHEWS, E. S. 'No Sign Language If You Want to Get Him Talking': Power, Transgression/ Resistance, and Discourses of d/Deafness in the Republic of Ireland. *Population, Space and Place*, v. 17, n. 5, p. 361–376, 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/psp.611>. Acesso: 14 julho 2019

MATHEWS, E. S. *Place, Space, and Identity--Using Geography in Deaf Studies*. Deaf Studies Today 2006: Simply Complex, 2006.

MESQUITA, Z. A geografia social na música do Prata. *Espaço e Cultura*, [S.l.], n. 3, p. 33-41, jul. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6709>. Acesso: 20 fevereiro 2019

MORAES, A. C. R. *Geografia: Pequena História Crítica*. São Paulo: Hucitec, 1994.

PADDEN, C. The deaf community and the culture of deaf people. In: WILCOX, S. (Ed.). *American deaf culture: an anthology*. Burtonsville: Lindtok Press, 1989.

PENN, M.; LUKERMANN, F. Corologia e Paisagem: uma leitura internalista de “A Morfologia da Paisagem”. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Sobre Carl Sauer*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011

PEREIRA, É. L. "*Fazendo cena na cidade dos mudos*": surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. 2013. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, SC, 2013. 380 p.

SÁ, N. R. L. de. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, O. *Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos*. 5. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, A. T. dos. *O espaço geográfico, os surdos e o(s) processo(s) de inclusão/ exclusão social na cidade de Santa Maria/ RS*. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Universidade Federal de Santa Maria.

SAUER, C. O. Geografia Cultural. *Espaço e Cultura*, [S.l.], n. 3, p. 1-7, jul. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6706>. Acesso: 10 novembro 2019

SAUER, C. O. *The morphology of landscape*. Publications in Geography, University of California. 1925.

SILVA, C. B. da. Cultura surda: território e territorialidades de resistência. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. 1. 2005. São Paulo. *Anais [...]*.

SKELTON, T.; VALENTINE, G. Political participation, political action and political identities: Young D/deaf people's perspectives. *Space and Polity*, v. 7, n. 2, p. 117–134,

2003a. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/248990194_Political_participation_political_action_and_political_identities_Young_Ddeaf_people's_perspectives. Acesso: 10 janeiro 2019

SKELTON, T.; VALENTINE, G. It feels like being Deaf is normal’: an exploration into the complexities of defining D/deafness and young D/deaf people’s identities. *Canadian Geographer / Le Géographe canadien*, v. 47, p. 451–466, 2003b. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.0008-3658.2003.00035.x>. Acesso: 23 agosto 2019

SPETH, W. W. Historicismo: a visão disciplinária de mundo de Carl Sauer. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Sobre Carl Sauer*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora UFSC, 2008 p. 101, 2008.

ULATE, G. V. Espacio Y Territorio En El Análisis Geográfico. *Rev. Reflexiones*. 91 (1): 313-326, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/729/72923937025.pdf>. Acesso: 15 março 2019

VALENTINE, GILL; SKELTON, T. L.; PHILIPPA. *The Role of the Internet in D/deaf People’s Inclusion in the Information Society*, 2007. Disponível em: https://www.sheffield.ac.uk/polopoly_fs/1.268538!/file/d-deaf_report.pdf. Acesso: 25 maio 2021

WILCOX, P. P.; WILCOX, S. *Aprender a ver*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

El enfoque de la cultura en la geografía y la comunidad sorda: una aproximación temática

Resumen

Este ensayo contempla el abordaje cultural en la Geografía, teniendo como referencia la temática de los Sordos. Su objetivo es analizar las contribuciones de los geógrafos Carl Ortwin Sauer y Paul Claval para el estudio de la cultura en la Ciencia Geográfica y, a partir de las perspectivas de esos autores, reflexionar sobre posibilidades de abordaje de los Sordos[PdSD1] en la Geografía. Metodológicamente, el ensayo fue construido con base en investigación bibliográfica para fines de comprensión del pensamiento de los autores antes citados, que asumen destaque en el ámbito del abordaje cultural en la Geografía. Partiendo del supuesto de que los clásicos contribuyen para la comprensión de la complejidad socioespacial del presente, se deduce que Sauer y Claval, al diversificar los abordajes culturales en la Geografía, favorecieron la posibilidad de variados caminos de investigación, lo que se refleja en los estudios sobre los Sordos y la Comunidad Sorda. La búsqueda por la aproximación entre Geografía y Sordos condujo a la identificación de investigadores contemporáneos que ya producen reflexiones sobre el tema, aún poco explorado por los geógrafos brasileños.

Palabras clave: Geografía cultural; Carl Ortwin Sauer; Paul Claval; Sordos; Comunidad Sorda.

L'approche de la culture dans la géographie et la communauté surda: une approche thématique

Résumé

Cet essai envisage sur l'approche culturelle dans la géographie, en se référant à la thématique des sourds. Analyse objective des contributions des géographes Carl Ortwin Sauer et Paul Claval à l'étude de la culture dans la science géographique et, à partir de la perspective de ces auteurs, réfléchir sur les possibilités d'approche des sourds dans la géographie. Sur le plan méthodologique, l'essai a été construit sur la base de recherches bibliographiques visant à comprendre la pensée des auteurs susmentionnés, qui prennent en vedette dans le cadre de l'approche culturelle dans la géographie. En partant du présupposé que les classiques contribuent à la compréhension de la complexité sociospatiale du présent, il ressort que Sauer et Claval, en diversifiant les approches culturelles dans la géographie, ont favorisé la possibilité de diverses voies de recherche, ce qui se reflète dans les études sur les sourds et la communauté sourde. La recherche du rapprochement entre Géographie et Sourds a conduit à l'identification de chercheurs contemporains qui produisent déjà des réflexions sur le sujet, encore peu exploré par les géographes brésiliens.

Mots-clés: Géographie Culturelle; Carl Ortwin Sauer; Paul Claval; Sourds; Communauté sourde.

The approach to culture in geography and the deaf community: a thematic approach

Abstract

This essay contemplates the cultural approach in Geography, having as reference the thematic of the Deaf. It aims to analyze the contributions of geographers Carl Ortwin Sauer and Paul Claval for the study of culture in Geographical Science and, as from the perspectives of these authors, to reflect on possibilities for approaching the Deaf in Geography. Methodologically, the essay was built based on bibliographical research in order to understand the thinking of the aforementioned authors, who stand out in the context of the cultural approach in Geography. Assuming that the classics contribute to the understanding of the socio-spatial complexity of the present, it infers that Sauer and Claval, by diversifying cultural approaches in geography, favored the possibility of various research paths, which is reflected in studies on the Deaf people and the Deaf Community. The search for the approximation between Geography and the Deaf led to the identification of contemporary researchers who already produce reflections on the theme, which is still little explored by Brazilian geographers.

Key words: Cultural Geography; Carl Ortwin Sauer; Paul Claval; Deaf; Deaf Community.